

A ONG Thydêwá, com este seu 19º livro, homenageia e agradece a todos os indígenas que vêm construindo, nos últimos doze anos, a história da Thydêwá.

Este título ilustra especialmente a participação da Thydêwá junto ao Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, tendo o PONTÃO ESPERANÇA DA TERRA como narrador.

REALIZAÇÃO:

PARCERIA:



THYDÊWÁ



Secretaria da  
Cidadania e da  
Diversidade Cultural

Ministério da  
Cultura



CULTURA VIVA

ESPERANÇA DA TERRA

# CULTURA VIVA

## ESPERANÇA DA TERRA



CULTURA VIVA  
ESPERANÇA DA TERRA



THYDÊWÁ

Território Tupinambá de Olivença - Novembro 2014

Eterna gratidão às comunidades indígenas que vêm guiando os trabalhos.  
Agradecemos, aqui, a todos os amigos da Thydêwá que, por mais de 12 anos, vêm dando sustento às ações.

Agradecemos a todos os indígenas que, com coração Thydêwá, vêm articulando com seus povos a construção colaborativa e fortalecendo a luta por dignidade.

Agradecemos a todos os indígenas autores que escreveram, desenharam, tiraram fotos ou foram fotografados, entrevistaram ou foram entrevistados, que fizeram possível este livro.

Agradecemos, especialmente, ao pajé Júlio Suirá, Nhenety, Ayrá, Tawanã, Soyré, Seregé e Kenny Kariri-Xocó; Apolônio Xokó; in memoriam Dona Zabelê, Joel Braz, Marlene Braz, Gilberto e Maria da Ajuda Pataxó; Atiã, Aratykun, Yuran, Taniá, Dida, Francisco, Alex, Dora e Maria Pankararu; Mayá, Nailton, Yaranawy, Dona Maura, Fabinho, Hemerson, Arainha e Yonana Pataxó Hãhãhãe; Amotara, Jamopoty, Potyra Tê, Seu Amaral, Seu Rosalvo, Dona Glória, Zilda, Yakuy, Mboessara, Marcelo, Katu, Kaluanã, Jaborandy, Rose e Negão Tupinambá; ao pajé José Miguel da França, Edite, Seu Gino e América Kiriri, Marina Terena; Alex Makuxi; Sabryna Taurepang; Amaré Kraho-Kanela; Capitão e Irembé Potiguara, Juarez, Wilma e Marcelo Karapoto Plaki-ô.

Agradecemos, também, a colaboração de todos os parceiros institucionais, especialmente, ao Ministério da Cultura e a BrazilFoundation.

Realização: Thydêwá

Editor: Sebastián Gerlic

Projeto Gráfico: Helder Câmara Junior

Colaboração: Gabriela Saraiva de Mello



Quem quiser usar os conteúdos deste livro com fins educacionais, através de trechos ou copiá-lo na sua íntegra, sinta-se à vontade! Aproveite ao máximo sua criatividade e some na valorização da diversidade cultural e na promoção da cultura da paz.

Se fizer uso do conteúdo deste livro, você deverá manter esta mesma licença.

Lembre-se de citar o nome completo do livro e dar os créditos aos autores.

Compartilhe conosco a sua versão! Ficaremos felizes de conhecer o resultado do seu trabalho.

Para qualquer atividade com fins comerciais, você deverá fazer uma solicitação prévia através do email:

**contatos@thydewa.org**

Não permitimos nenhum tipo de uso para empresas que desrespeitam a Mãe Natureza.



CULTURA VIVA  
ESPERANÇA DA TERRA

# ESPERANÇA DA TERRA

## HISTÓRIA DE UM PONTÃO DE CULTURA VIVA

No ano de 2000 eramos um grupo de amigos indígenas e não indígenas sonhando juntos. Em 2001 intensificávamos nossas ações e em 2002 instituíamos a ONG Thydêwá.

Thydêwá significa para nós: ESPERANÇA DA TERRA, e é esse o nome que leva nosso Pontão de Cultura Viva.

Neste livro vamos contar das nossas aventuras na Cultura Viva; desde antes de ser Ponto e, como Ponto de Memória, como Ponto de Mídia Livre, como Ponto de Valor e como Pontão.

Este livro foi feito à solicitação da sociedade, pelas muitas pessoas que chegam até o Pontão fisicamente e por aquelas que chegam vias os diversos portais que o Pontão apoia. As pessoas querem saber mais sobre a Thydêwá, querem saber mais sobre as culturas indígenas e querem saber mais sobre a política pública: CULTURA VIVA.

Nosso História de Pontão está, neste fim de ano de 2014, fechando seu primeiro ciclo de convenio, através de um projeto que desenvolvemos desde 2009; um processo de formação colaborativa e humana, alimentado pela alquimia da diversidade em diálogo, nutrido na partilha de saberes, orientado na visão de que somos todos um e que é através de nossa união em inteligência coletiva amorosa que construímos justiça e dignidade para todos.

Maria de Lourdes Ferreira dos Santos (1926-2009)





LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Nossa história nasce de uma profunda alquimia arco-íris, na cidade de Salvador, Bahia.

Vários indígenas de várias etnias junto a vários jovens, partilhando ideias e utopias, começavam a construir unidos.

Partíamos das injustiças resistidas secularmente pelos indígenas e sabendo que, só através do diálogo intercultural e a soma de saberes com Consciência Planetária, poderíamos promover união e paz. Nosso primeiro objetivo era diminuir o preconceito e fizemos isso guiados pela fala do Pajé Júlio Suirá:

**QUEM DESRESPEITA O INDIO É QUEM NÃO O CONHECE.**

# DIREITOS HUMANOS



Thydêwá nascia promovendo o diálogo intercultural entre indígenas a sociedade, promovendo a compreensão, as relações justas e a vida digna para todos. Encontrávamos uma sociedade banalizada que repetia como bloco de carnaval: "ÍNDIO QUER APITO!" Então, perguntamos a muitos indígenas que é que eles queriam e, assim, fizemos a campanha:

**ÍNDIO QUER RESPEITO!**



## CULTURA COLABORATIVA

Foi potencializando a liberdade de expressão dos indígenas, foi na luta pelos direitos humanos e pelos direitos da nossa Mãe Terra...

Os indígenas atuando como historiadores, como antropólogos, como jornalistas de suas próprias realidades...

Tirando fotografias, gravando entrevistas, colhendo depoimentos, escrevendo, desenhando, palestrando na universidade, debatendo em espaços públicos, dialogando com alunos nas escolas, dando entrevistas aos meios, construindo e compartilhando suas mensagens...

Foi dentro da cultura colaborativa que a Thydêwá, com muitos indígenas, sistematizou a tecnologia sócio cultural educativa:

## ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



© problema foi que os brancos começaram a tomar a terra dos índios. Eles botavam uma venda, usavam a cachoeira, o rio e tudo chegava e eles diziam: caboclo você está me devendo e eu vou ficar com seu lugar.

Quem domesticou os índios aqui foram os jesuítas, impondo o catolicismo, por isso hoje estamos resgatando, conseguimos que o governo reconheça nossa cultura e agora estamos lutando para demarcá-la.

Aqui foram tirando a cultura do índio, obrigando a falar o português, escrevendo e projetando a cultura indígena, conversando com os meios de comunicação para os que vêm nascendo.

Pedro Lima  
Talia Braz



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS se consolidava com seu sétimo título em 2004 e ganhava o reconhecimento do IPHAN.



## É bom mostrar quem nós somos

*A cultura é um respeito.*

*Foi com a Cultura que nós trabalhamos e nós vencemos o que nós queria. O que nós queria era a terra e, graças a Deus, estamos com ela na mão. A cultura que traz a força, a força para a luta do índio. A cultura traz o respeito, traz a união. Aqui foi pesado mas com Deus e com os encantos das matas virgens, a gente, com eles nos guiando, com fé em nosso Pai, abaixo de Deus, nossa cultura, nosso arco, nosso colar e assim nossa força para vencer. A gente luta pelo nosso povo, pelas nossas crianças.*

*Com a cultura é que temos nossa força, nosso respeito. Tem que amar a cultura. Cada qual tem a sua cultura e nós respeita a todos. A gente vive obedecendo nosso Pai Tupã. Nós tem que obedecer. Se não obedecer nós não somos nada. Por isso, nós veste nossas vestes. Nós respeitamos para ser respeitados. Lá de cima tem alguém que nos mostra como tem que ser as coisas. Aí nós respeita, nós obedece. Nós não podia fazer nada, nós vivia escondidos nas matas e com muita luta nós nos libertamos. Nós sofremos muito lutando pelo que é nosso. Quando recuperamos a terra dos posseiros estava só o chão, sem árvores sem nada, e nós zelamos e hoje está coberta. A terra nos dá comida. Hoje já chegaram as caças. Tem gente no mundo que só pensa ir no mercado, mas nossa comida é boa, é da terra. A terra é nossa Mãe. Ela nos cria; ela nos dá tudo.*

*Nós tem que tratar um ao outro como irmão. Não temos que ter orgulho. Nós não quer nada de ninguém. Nós não deseja o mal para ninguém. O que a gente quer para um a gente quer para todos.*

José Miguel da França, Pajé Kiriri (BA)





CULTURA DIGITAL



ÍNDIOS ONLINE

NOSSA VOZ

Fazendo os livros ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS os indígenas se apropriaram de câmeras de fotos, de gravadores de áudio, de usar um scanner para capturar um desenho...



Na foto: Hemerson Pataxo Hãhãhãe <hemersonpataxo@indiosonline.org.br>

Os livros chegavam longe, mas seu conteúdo era finito e parava no tempo. Para facilitar o diálogo entre os indígenas e a comunicação deles com a sociedade... O salto quântico foi colocar conexão de internet dentro de sete aldeias...

Em abril de 2004, através de uma aliança inter-étnica e a colaboração da Thydêwá, nascia a:

## REDE INDIOS ON-LINE

E seis meses depois chegava o primeiro Prêmio: **Premio de Inclusão Digital Telemar.**

Potyra Tê Tupinambá <potyratupinamba@indiosonline.org.br>



Nós, do Povo Tupinambá, estamos em um processo de retomada de nosso Território

Tradicional. Estamos fazendo à nossa própria conta e risco a autodemarcação de nossa Terra Indígena já que o Estado Brasileiro não vem cumprindo com o seu dever de demarcar.

Em Outubro de 2009, fizemos uma série de retomadas na região de nosso Território, conhecida como Santana. Nestas retomadas fizemos um trabalho forte de ciberativismo com publicações diárias de nossas retomadas no Portal Índios On Line. Queríamos mostrar ao Mundo o que estava acontecendo, documentando tudo em forma de vídeos e fotos: provar que as áreas estavam abandonadas pelos fazendeiros, as roças estavam cheias de mato e que depois de retomadas por nós, os fazendeiros puderam retirar seus bens, e que agimos de forma pacífica. Queríamos mostrar as famílias indígenas plantando seus alimentos, limpando a roça, devolvendo vida às áreas abandonadas pelos fazendeiros.

Há dois anos atrás fui surpreendida com uma intimação para responder um processo sobre Direito de Imagem contra mim e contra a ONG Thydêwá. A Thydêwá está sendo incriminada por apoiar o protagonismo dos indígenas na busca por

seus direitos. Sabemos que na verdade, o que querem é calar a nossa voz, mas não conseguirão, pois somos Etnojornalistas, Ciberativistas e fazemos um trabalho sério. E assim como existe o Direito de Imagem também existe o direito à Livre Expressão, o Direito de Imprensa e quando um "Índio On Line" noticia fato de seu cotidiano, está fazendo isso em primazia do interesse social e não estamos cometendo crime algum.

Leia na íntegra: [www.indiosonline.net/nossa-voz/](http://www.indiosonline.net/nossa-voz/)

Em julho de 2004 o Ministério de Cultura lançava o Programa Cultura Viva

para reconhecer e apoiar iniciativas

que como a nossa faziam um “do-in”,

uma massagem em lugares muitos excluídos, esquecidos, invisibilizados como as aldeias indígenas

repercutindo com saúde para todo o corpo Brasil.

**VIVA A CULTURA DO RECONHECIMENTO!** Nasce formalmente a parceria Thydêwá - MinC com nome de **PONTO INDIOSONLINE**



## O Mundo em um toque

Quando ouvi falar pela primeira vez a palavra “internet”, imaginei que seria mais uma palavra estrangeira, algo complicadíssimo. Navegar na internet? Não fazia nem idéia do que seria isso. Então, felizmente, eu e meu irmão conhecemos ÍNDIOS ON-LINE. Parei um pouco para refletir e pude descobrir um novo instrumento de trabalho, algo que não ia ajudar apenas uma aldeia, um grupo, mas todo povo Pataxó, ou melhor, todos os povos indígenas. Foi algo que nos abriu os olhos, ouvidos, todos os nossos sentidos e facilitou nossos passos...ÍNDIOS ON-LINE nos ajuda no fortalecimento cultural e político; encurta os caminhos; estreita nossos laços com outras pessoas e nos permite conhecer outras realidades culturais. Com a primeira matéria publicada pelos Pataxó do Prado, as pessoas distantes entraram em contato conosco, foi muito positivo. Rapidamente percebemos a utilidade da internet e do nosso portal: [www.indiosonline.net](http://www.indiosonline.net) Com ele, passamos a diminuir o preconceito que algumas pessoas e órgãos têm contra a gente.

**Gilberto Pataxó**

# ARCO DIGITAL

O arco e flecha é um instrumento de defesa, de caça... Hoje em dia, um computador com acesso à Internet também pode ser utilizado pelos índios como um instrumento de defesa e de caça.

Nós, índios, já estamos usando o computador como ferramenta de buscar soluções. O computador nos serve para escrever projetos ou cartas que nos auxiliam para encontrar melhorias na saúde, educação, sustentabilidade e tudo que se refere à nossa sobrevivência e desenvolvimento, servindo como um arco e flecha.

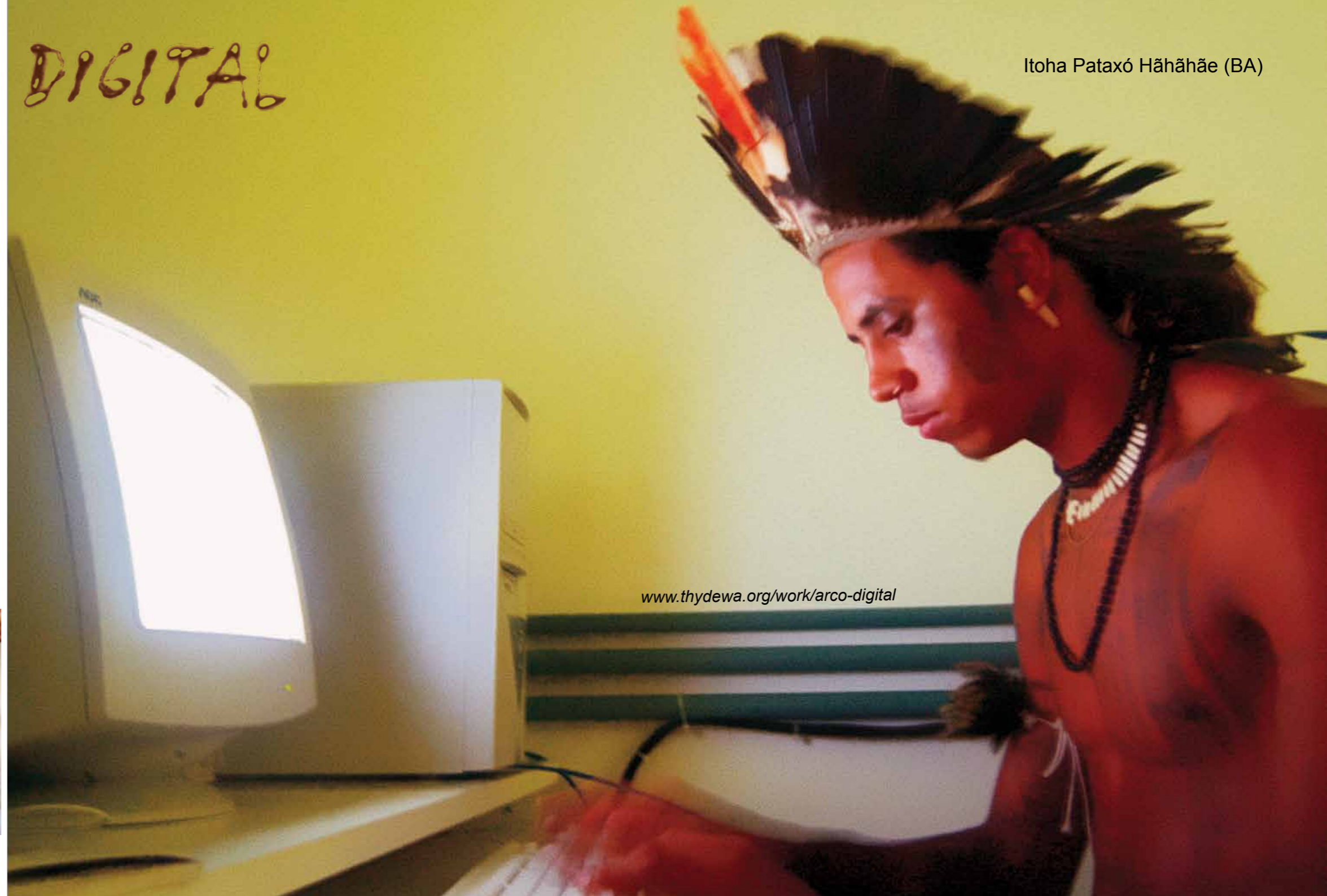
Um arco e flecha pendurado na parede é decorativo, não caça nem defende.

Vamos usar nossos computadores, estiquemos nossos arcos e lancemos nossas flechas digitais!



Nhenety Kariri-Xocó no seu Ponto ÍNDIOSONLINE (AL)

Itoha Pataxó Hãhãhãe (BA)



[www.thydewa.org/work/arco-digital](http://www.thydewa.org/work/arco-digital)



## CULTURA E EDUCAÇÃO

**Devemos cantar e gravar para que os jovens ouçam, cantem e dancem. É cantando que se aprende a viver!”**

Nhenety Kariri-Xocó

Nós, indígenas do Nordeste, temos muito em comum em nossas tradições. As invasões e os massacres começaram pelo Nordeste e, por isso, temos a força e a inteligência da resistência em nossas culturas. Muitas etnias foram agrupadas pela Igreja em aldeamentos multiétnicos, tanto para roubar as terras como para facilitar o domínio. Tentaram exterminar todos os povos indígenas, mas resistimos, também, através dos cantos. Os cantos são registros históricos socioculturais dos indígenas na vida da Mãe Terra, perpetuados musicalmente. Os cantos indígenas pulsam nas comunidades mantendo a cultura viva.

Fizemos o livro com CD “Cantando as Culturas Indígenas” para colaborar na preservação dos nossos Patrimônios e do Patrimônio Cultural da Humanidade, para partilhar reflexões da dimensão pedagógica dos cantos e da nossa criatividade na metodologia do ensino.

De primeiro, os cantos eram praticados na Natureza, depois nas aldeias e nas roças; hoje, são praticados também nas salas e nos pátios das escolas indígenas.

Os professores e os alunos estão mudando o ensino indígena, valorizando anciões, adultos e mestres cantadores de Toré, Toantes e Porancy, uma resistência na qual os antepassados indígenas, primeiros habitantes desta terra, estão presentes.

[www.thydewa.org/work/cantando](http://www.thydewa.org/work/cantando)



Atiã Pankararu organiza com os jovens a gravação do cd e diz:

*“Nós temos, sim, porque ter orgulho de ser índios. Eu não tenho preconceito comigo de jeito nenhum porque mantenho parte de meus costumes muito forte dentro de mim.*

*Para mim, não faz diferença nenhuma as características físicas da pessoa porque eu não sou culpado dos europeus terem invadido e terem estuprado as índias.*

*Nós temos que manter nossa tradição sempre forte para termos nosso respaldo. Se a gente não luta pelo que é nosso, ninguém vai nos valorizar.”*



Na minha aldeia tem  
Beleza sem plantar  
Eu tenho o arco eu tenho a flecha  
Eu tenho raiz para curar  
Viva Tupã! Viva Tupã! Viva Tupã!  
Que nos vem trazer a luz!

**Ritual do Toré**  
Pataxó Hãhãe

Desde 1982, os Pataxó Hãhãhãe vêm fortalecendo sua organização para fortalecer suas lutas por seus direitos. Muitos indígenas assassinados, muita violência e desrespeito.

Partindo do **Ponto de Cultura Viva Pataxó Hãhãhãe** e dialogando com a Thydêwá, inicia-se a campanha **ÍNDIO QUER PAZ**, em 2005. Muitos parceiros se somam à campanha.

Os indígenas reforçam suas caminhadas entrando nas salas de aula das escolas das cidades, visitando universidades, centros de pesquisa, associações e os poderes públicos brasileiros e internacionais para promover a valorização da diversidade cultural e a paz.

Sempre lutando por seus direitos,  
sempre buscando a paz.



Thydêwá, com apoio da UNESCO, realiza uma ação de fortalecimento da rádio comunitária, ligando-a ao Ponto de Cultura que, por sua vez, se tece com a escola, a associação local e o polo da FUNAI.

## CULTURA DA PAZ



**DIVERSIDADE CULTURAL**



**Em 2007, a Thydêwá recebe o Prêmio Direitos Humanos na categoria Promoção da Igualdade Racial, outorgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.**

**A Thydêwá endossa o prêmio para todos aqueles indígenas que lutam, não só, pelos seus direitos mas pela Mãe Terra e todos os seus filhos.**

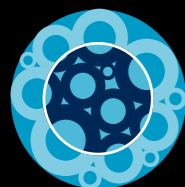


Acredito que para a sociedade não-indígena, as matérias sobre nós só chamam a atenção quando referenciam algum conflito com a polícia, invasão de terra ou qualquer outro fato onde eles possam inverter o ocorrido e nos colocar como vilões da história.

Na maioria das vezes, distorcem tanto os fatos que acabamos taxados de invasores, quando na verdade só estamos recuperando o que tomaram de nós.

A rede ÍNDIOS ON-LINE nos traz a possibilidade de sermos repórteres dentro de nossas comunidades e mostrar o que verdadeiramente acontece.

Irembé Potiguara (PB) - <[irembe@indiosonline.org.br](mailto:irembe@indiosonline.org.br)>



PRÊMIO  
**A Rede**

A REDE ÍNDIOS ON-LINE estava se expandindo através do projeto ~ CELULARES INDÍGENAS ~ chegando a 2 milhões de visitas, 15 mil comentários e indígenas de 25 etnias de todas as regiões do Brasil participando.

([www.thydewa.org/work/celulares-indigenas](http://www.thydewa.org/work/celulares-indigenas))

ÍNDIOS ON-LINE recebe o Prêmio A Rede 2008, outorgado pela Momento Editorial.

INDIOS ON-LINE recebe o Prêmio Mídia Livre 2009, categoria nacional, outorgado pelo Ministério da Cultura.

Thydêwá recebe do Ministério da Cultura o Prêmio Ludicidade pelo trabalho que vem fazendo com a juventude; recebe também o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - 2009.



Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - 2009



Irembé Potiguara  
fotografando Potyra Tê Tupinambá, Prêmio Tuxáua  
2009 e Prêmio Estórias de Ponto de Cultura 2009

CULTURA VIVA COMUNITÁRIA

O Convênio  
Andrés Bello  
outorga o Prêmio  
Somos Patrimônio  
à Thydêwá.



Toré Kariri-Xocó  
[www.thydewa.org/tore-kariri-xoco](http://www.thydewa.org/tore-kariri-xoco)

## Somos Patrimônio Somos Cultura Viva

Podemos conhecer um arco e flecha no museu, admirá-lo, mas a maneira eficaz de preservá-lo é fabricá-lo e caçar.

Ter um livro de receitas da culinária indígena é uma riqueza sem preço, mas cozinhar e comer é sentir o verdadeiro sabor de nossa cultura.

Ouvir uma música é muito prazeroso, mas saber sua letra, cantá-la é sentir esta arte em toda sua dimensão do sentimento humano.

Registrar, reformar, restaurar não é suficiente para preservar uma cultura viva, mas praticá-la é garantir a sua sobrevivência.

A forma para manter um patrimônio cultural vivo é continuar a praticar um costume, a confeccionar um produto com aquele estilo próprio do povo, fazer circular um conhecimento. Porque o patrimônio é o ser humano ativo em sua cultura, atuante no dia a dia.

*Nhenety Kariri-Xocó*



# Água com Fé

Acho que quem me pegou foi Mãe Chiquinha... Foi com ela mesma que comecei a acompanhar o trabalho de parteira... Observando, aprendi a segurar, a cortar o cordão, a fazer a placenta sair... Eu tinha 19 anos quando fiz o meu primeiro parto sozinha... E hoje estou chegando aos mil partos.

Tia Quitéria Binga me ensinou muita coisa. Até conseguiu um estágio no hospital para mim, para que eu pudesse ver e aprender um pouco com a ciência da cidade.

Mas quem me ensinou muito foi Mãe Chiquinha. Uma vez nós enfrentamos um parto difícil, pois a mulher estava com sangramento forte. Daí Mãe Chiquinha disse: bote água para esquentar. Bote a água morna em um prato e bata no contrário. Aí eu comecei a bater e bater, bater aos avessos. Ela deu a água à mulher e o sangramento foi parando, parando... Por isso eu digo: até água com fé resolve.

Nós trabalhamos aqui é com fé. A gente se concentra, fica calada, pede silêncio, e pede a Deus para correr tudo bem. Eu pego meu campôzinho e dou uma fumada. Aí tem um momento de só eu, Deus e a força encantada. Então, quando tem que fazer o parto no hospital fica mais difícil para fazer minha devoção. Por exemplo, no hospital as pessoas falam muito e é proibido fumar meu campô. **O parto natural é a coisa mais linda que tem.**

Muitos parteiros de hospital ficam me perguntando como é que eu faço, o que eu dou antes do parto, o que dou durante e o que dou depois. E eu digo: dê água com fé que faz efeito. Aqui é muito difícil uma mulher ir para o hospital parir. Quando eu vejo que não dá para mim eu mesmo acompanho a mulher até o hospital. A gente, parteira, não trabalha só, sempre a gente busca estar em duas ou três. Sempre fazemos tudo com fé e, por isso, acompanhadas por Deus e pelos capitães velhos (os encantados).

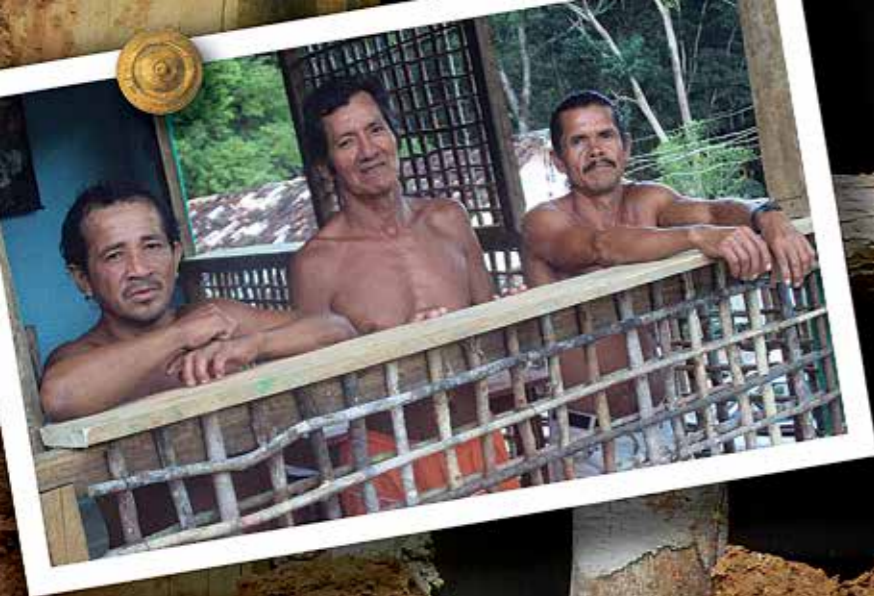
Aqui, nós não cortamos o cordão de forma imediata não. Aqui demora... Aqui nós fazemos o parto de cócoras, assim não rasgo o períneo das mulheres, assim evita isso de costurar a mulher. Nós botamos logo o bebê para amamentar, o que facilita a saída da placenta. Aqui, muitas mulheres guardam o umbigo do bebê para, caso precisar, fazer um remédio para a criança. Aqui em Pankararu a mulher grávida pode comer de tudo... Agora, depois de parida, em geral come só pirão de galinha.

Maria das Dores da Silva Nascimento (1964)

De Pontos, Pontinhos e Redes  
nasce um PONTÃO

CULTURA E SAÚDE





Este diálogo entre três indígenas Tupinambá foi registrado no Pontão:

“ESPERANÇA DA TERRA”

[www.thydewa.org/pontao](http://www.thydewa.org/pontao)

**Gringo:** Da minha casa mesmo, fui eu e minha esposa que cortamos as madeiras. Corta de facão, carrega nas costas e traz da mata até a aldeia.

**Juracy:** Hoje em dia, já se usa pregos e arame mas antigamente era tudo no cipó. Uma casa bem feita pode durar muitos anos, muitos mesmos.

**Puba:** A casa de taipa é mais fresca que a de cimento.

**Gringo:** Se quiser mudar alguma coisa da casa, na de taipa é mais fácil.

**Juracy:** Eu durmo na minha casa sem medo. Pode chover que medo eu não tenho. Eu tenho o maior orgulho de estar morando em uma casa que eu mesmo fiz. Não paguei ninguém para fazer, fomos eu e minha esposa que fizemos e alguns amigos que nos ajudaram a tapar.

Foi bom o intercâmbio que fizemos aqui na ESPERANÇA DA TERRA porque aprendi a usar a bosta de gado para selar as paredes de taipa e também a fazer um banheiro seco. E, agora que sei, já vou ensinar a outros parentes. E assim, os conhecimentos vão passando. Hoje em dia, eu já uso um pouco de cimento para algumas coisas mas eu gosto mesmo é de terra. Cimento é muito perigoso, faz mal à nossa saúde. O barro não; o barro é saúde, o barro é natural, o

**barro é coisa de Deus**

No  
2º ano,  
foram 12  
Encontros  
com mais de  
20 pessoas  
cada um.

Permacultura  
Agrofloresta  
Farmácias Vivas  
Bioconstrução  
Ecosaneamento  
...

O Pontão  
ESPERANÇA  
DA TERRA é  
um espaço de  
partilha, de  
cruzamento de  
saberes...

No 1º ano de  
convênio fizemos  
20 Encontros com  
mais de 12 pessoas  
em cada um.

No  
3º ano  
mais 12  
Encontros.  
Pessoas  
de todas as  
culturas se  
encontrando  
para construir  
em conjunto.

Meu avô Basílio nos ensinava com exemplo. Tudo que ele fazia, ele dividia com o povo. Ele matava gado e ele dava para cada pessoa um pedaço. Eu era pequena e me perguntava: Por que tudo que meu avô tem ele divide com todo mundo? Ele queria sempre que todo mundo tivesse o que comer. Eu venho aprendendo isso desde pequena. Eu aprendi com ele, com minha mãe, nós fomos criados assim:

O QUE TIVER A GENTE DIVIDE.

Depois eu casei com Lionel, o avô dele também era assim. Lionel sempre dizia: O que nós plantarmos não podemos comer sozinhos.

Lembro agora da segunda retomada de São Vicente. Os indígenas CAMACAM não tinham condições de comprar a farinha, daí Lionel e eu falamos para eles: Peguem aquela mandioca que está na nossa roça, façam farinha, deixem uma parte para nós e levem para vocês o resto. Assim nós garantimos seis meses de farinha para o povo da retomada. Isso foi em 2007.

Comunidade é isso aí, um ajudar ao outro! Eu sinto dor quando vejo alguém que não partilha. Eu partilho dentro da minha comunidade e também fora, com outras comunidades. Assim a gente aprende a amar. O mundo depende de nós. Quem faz o Mundo somos nós. Ser solidário é muito importante para a gente.

Minha família carrega essa herança. Imagine se o Mundo inteiro fosse assim! Eu me preocupo com a criação das crianças de hoje em dia. Meus pais sempre diziam: **AQUILO QUE NÃO É NOSSO NÓS NÃO PODEMOS PEGAR.** Teve um momento em que fomos forçados a sair da aldeia. Daí meu pai foi trabalhar para um fazendeiro.

Lembro que uma vez por mês ele me chamava. Como eu era a filha mais velha me fazia reunir todos os irmãos e me dava um **BOLO GRANDE DE DINHEIRO...** Me botava para cuidar do dinheiro até o dia do pagamento dos trabalhadores. E eu aprendi a tocar só aquilo que é meu e ensinar aos outros a não tocar aquilo que não lhes pertence. Só assim que podemos ser felizes. Por isso o mundo de hoje é triste, porque há pessoas que pegam as coisas dos outros.

Meu marido sempre foi da mesma forma que eu. Se nosso filho chegasse com algo que não fosse dele a gente fazia ele voltar e devolver aquela coisa. Hoje eu já ensino ao meu neto, ensino a ser responsável com o que é nosso e com o que é dos outros. Não pegar o que é alheio. Eu aprendi e com isso eu **SOU FELIZ.** Eu sei respeitar. Eu não tenho ambição, não sou egoísta. Assim fui criada e assim vou morrer.

Seria muito bom que todo mundo fosse assim!

# Educação de Valores

Maya Tupinambá Pataxó Hãhãhãe

*Thydêwá recebe o Prêmio Pontos de Valor.*

*Na foto, Mayá Tupinambá Pataxó Hãhãhãe no espaço do Pontão, trazendo, levando, plantando e espalhando sementes de Farmácias Vivas, exemplo do BEM-VIVER.*



# Jurema sagrada

Tawanã – Kariri-Xocó

Meu nome é Tawanã, sou da aldeia Kariri-Xocó. Tawanã quer dizer “pintor da tribo”. O índio se compõe da própria natureza, ele tem ligação com água, fogo, terra e ar. Então, esses quatro elementos da Terra representam a vida.

O que são as ervas para um índio, que relação elas nos dão, que fortalecimento?

Nós temos várias ervas que nós *usa*. Para nós, uma erva é como se fosse uma irmã ou um irmão. Antes de pegar uma folha dela ou um galho nós *pede* a ela licença para que aquela medicina sirva para aquele tipo de doença. E a nossa erva mais forte, que nós temos como mãe de todos, é a Jurema. A significação da Jurema é “o tronco”, é como se fosse uma aldeia antiga. Representa um povo antigo o tronco da Jurema. A Jurema é uma erva de poder que nos leva ao presente, ao passado e ao futuro. E nós *trabalha* com ela para fortificar o corpo. É como se fosse uma vacina que você toma para não pegar uma doença.

A Jurema é tirada do chão, é raiz. Ela tem uma substância de alucinação. Então ela faz um processo muito forte. Tem a pessoa chamada de “mestre da mesa” que nos conduz cantando. Com o poder dos cantos, das danças e do chamamento do protetor ou da protetora ela se torna mais forte e a pessoa que está conduzindo tem que ter domínio e pedir a Deus e à própria natureza para dominar e as pessoas se curarem daquilo que está fazendo mal a elas.

Tem um trecho de canto que é assim: “Você bebeu Jurema, você se embriagou, viva os nossos mestres que aqui chegou, olé Le olé La o...” É uma maneira de chamar e têm outros cantos que representam a Jurema que a pessoa quando toma e canta é como se as coisas boas da mata encostassem ali. E nós, como índios, estamos fazendo o trabalho, tanto serve para nós como para as pessoas para as quais estamos pedindo e curando, com o poder de Deus. Que nós não somos poderosos que se fôssemos poderosos demais, nós não *morreria*. Nós somos carne e ossos. Mas nós somos canais, Deus precisa de nós, então têm momentos que nós temos que falar forte com Deus para enxergar a força da natureza.

Existe a Jurema que tem espinhos, que é mais brava, mais violenta, e a Jurema que não tem espinhos. Mas nós *trabalha* com a Jurema que não tem espinhos. A árvore, para muitos que não

entendem, poderia ser qualquer árvore que poderia ser cortada e usada. Mas eu creio que têm também muitas pessoas não índias que entendem, sentem e gostam de preservar a natureza. Então, nós *tem* a ligação com a árvore como se fosse uma pessoa mesmo que Deus colocou no mundo, como o homem e a mulher, e colocou nas terras aves, árvores que têm nomes femininos e masculinos. Sempre tem o feminino e o masculino e a Terra, ela é a mãe de todos. Ela é quem vigia tudo. Então, a Terra é como se fosse o colo do útero, ela nos dá força. Da terra nós surgimos, para a terra nós voltamos, como qualquer outro ser vivente. E é por isso que as ervas para nós é muito importante. Nós temos as ervas como nossas parceiras, respeitando a lua, o sol, as estrelas, o vento, as águas, qualquer coisa da natureza e principalmente respeitando o próximo e tendo amor.

No Pontão, homens e mulheres, jovens, adultos e anciões, indígenas e não indígenas, juntos como inteligência coletiva

PRODUÇÃO COLABORATIVA

A coleção de livros continua crescendo. E o Pontão apoiando a produção de livros, cds, dvds.  
[www.thydewa.org/livros](http://www.thydewa.org/livros)



Hoje, estamos reivindicando nosso território que é nosso bem maior. Não se pode falar de cultura, educação, de saúde, sem falar de território.

Sempre estivemos nessas terras, nunca saímos daqui. Aqui nos escravizaram e nos mataram. Hoje, só queremos que o governo coloque no papel o que é nosso por direito, nossas famílias mantiveram a resistência durante séculos para que hoje pudéssemos estar lutando pelo que tradicionalmente é nosso.

Nossa Mãe Terra pede socorro. Hoje, os fazendeiros que são os restos dos coronéis, eles estão desmatando nossas matas, sujando e secando nossos rios; o mar não é mais o mesmo; essa natureza é quem dá o sustento para a maior parte das famílias de nosso Povo.

E essa situação só vem piorando a qualidade de vida em nossa aldeia. As famílias acabam ficando submissas a esses grandes latifundiários e com isso, vão trabalhar para eles e, para não perder o emprego, fazem tudo o que eles querem. Muitos parentes foram obrigados a tirar seu nome do cadastro da SESAI, que garante o atendimento da saúde, para não perderem o emprego. Vemos que os órgãos a que competem defender nossos direitos não fazem nada.

Só existe política para o crescimento, que para nós, índios, é destruição. Destruição de tudo aquilo que é nosso por direito. Nosso maior Patrimônio está sendo ameaçado e se nós não lutarmos para parar com essa maldade que estão fazendo com nossa Mãe Terra, tudo que preservamos por séculos estará arriscado a se perder.

*Jamopoty  
Cacique Tupinambá de Olivença  
(Depoimento realizado em dezembro de 2010)*



## Filhos da terra

**ÍNDIOS PRESERVAM  
FAZENDEIROS DESMATAM**



A tecnologia ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS recebe o Prêmio Ponto de Mídia Livre 2010, na categoria nacional.



O Pontão ESPERANÇA DA TERRA além de colaborar com a REDE ÍNDIOS ONLINE apoia outras redes como:

## ÍNDIO EDUCA

### A onda agora é aprender Brincando!

De Sabryna Taurepang

<http://www.indioeduca.org/?p=1208>

### “Minha vó era bugre!”

De Marina Terena

<http://www.indioeduca.org/?p=1697>

### Uma outra versão da “descoberta”

De Marina Terena

<http://www.indioeduca.org/?p=1142>

### Brincadeiras Indígenas

De Alex Makuxi

<http://www.indioeduca.org/?p=1448>

### Você é indígena?

De Aracy Tupinamba

<http://www.indioeduca.org/?p=1713>

### Pinturas Corporais Indígenas

De Amaré Krahô-Kanela

<http://www.indioeduca.org/?p=1269>

### Índio come gente?

### Índio mora em oca?

## ÍNDIO EDUCA

www.ÍNDIO EDUCA.org é um portal na internet onde indígenas de todas as regiões de Brasil colaboram com professores, alunos e curiosos, para todos aprenderem com as culturas indígenas.

### O que é ser índio hoje?

Alex Makuxi - No imaginário de muita gente o índio é aquele indivíduo que mora na floresta, vive apenas da caça, da pesca e algum tipo de coleta. Mas será mesmo essa a realidade indígena brasileira?

No Brasil, somos hoje em torno de 305 etnias indígenas, falantes de 274 línguas indígenas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (censo 2012) a população indígena é estimada em 896.900 mil indivíduos...

### Índio anda nu?

Aracy Tupinambá - A realidade indígena nos dias atuais é bem diferente do passado, da mesma forma que os tataranetos dos portugueses que chegaram com suas caravelas nesse solo não se vestem hoje da mesma maneira que seus avós. Nós povos indígenas possuímos vestimentas tradicionais próprias e grafismos com os quais fazemos pinturas corporais, mas nossa nudez ou não nudez, não define ser indígena ou não indígena. Toda cultura é dinâmica, está sempre em constante movimento...

CULTURA E EDUCAÇÃO







**Thydêwá tem suas pedagogias reconhecidas com o Prêmio Economia Criativa 2012**



Disponível para venda em:

<http://www.risada.org/catalog/thydewa/>



Ayrá Kariri-Xocó é um dos Artesãos que está sempre disposto a ouvir e conhecer os interessados no artesanato e fazer para eles as peças com carinho.

**RISADA é uma Rede composta por Indígenas comprometidos com a preservação da Mãe Terra e que através do comércio justo e solidário buscam: proteger a Natureza, promover a valorização das artes, dos artesanatos e das culturas indígenas e viver a vida com dignidade.**

**Através da RISADA as pessoas dialogam diretamente com os indígenas e solicitam a personalização das peças de acordo a seus desejos, sonhos ou preferências.**

[www.risada.org](http://www.risada.org)



# A DANÇA DO BÚZIO

A Dança do Búzio ficou um tempo guardada só na memória dos mais velhos. Dona Didinha, uma guardiã da memória de nosso povo, vem passando para os mais jovens a importância da Dança do Búzio. Ela afirma que esse ritual é muito valioso, que é uma dança muito antiga, da tradição de nosso povo Pankararu. Seu pai lhe contava sobre a dança e ela mesma testemunhou nas festas que participava. “Para dançar o Búzio, homens e mulheres ficavam em duas fileiras, uma ao lado da outra. Tinha uma parte da dança que se parecia com o Reisado, mas era Búzio, porque antes não tinha Reisado na comunidade.” A Dança do Búzio era previamente combinada para acontecer em alguma casa da aldeia. “Quando o ritual era em minha casa, fazia uma panela de café para receber os visitantes.” Dona Didinha lembra que às sete ou oito horas da noite, ela escutava o Búzio na estrada, fazendo aquele som: - Uuuú,eeeé...

Naquele tempo não tinha energia elétrica. Acendíamos um, dois ou três candeeiros dentro de casa e, quando os participantes chegavam no terreiro, já vinham cantando um Toante e diziam um verso: - Na chegada desta casa foram todos meus cuidados, toda vida ouvi dizer casa grande de gente honrada. E as mulheres respondiam: - Ólé ô lera lá, olé o lere o lera rá ia rá. E os tocadores com o Búzio: Ééééé... Muitas pessoas praticavam essa dança: o povo de Lotero, tio Zé Pebinha, tio Bié, tio Zé Gago. As cantadeiras eram: tia Nana, madrinha Rosa, Mãe Maria Urbana, Maria Cangula, que era irmã de João Tomás e Marcelina.

Todos cantavam e dançavam, mas os antigos morreram e acabou a festa. A Dança do Búzio acontecia, no dia de Reis, em dia de casamento na aldeia, na colheita de feijão, na tapagem de casa e em outras ocasiões, dependendo do querer de alguma família que convidava os cantadores e dançadores de Búzio. Só não o tocava quando morria alguém da comunidade. Qualquer pessoa que quisesse ouvir, que pudesse ir na festa, participava. Alguns matavam um porquinho, uma galinha, traziam o café e convidavam... “Eita! Era bom ver aquele búzio estrondar e o povo cantando, eles cantavam um louvado a Deus, ao dono da casa e a todos os participantes!” Graças ao incentivo dos mais velhos, a Dança do Búzio está sendo dançada.

Entrevistador: Atiã (Fernando Monteiro dos Santos)

Colaboração: Geovan Miguel dos Santos



JAGUATIRICA TUPINAMBÁ - <jeanderson.tupinamba@gmail.com>

Nestes anos foram muitas as INTERAÇÕES ESTÉTICAS e as RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS com a Thydêwá que, quando o MinC nos reconheceu com o Prêmio CULTURA DIGITAL fortaleceu nossa ideia de termos um espaço especial para tudo isso e mais... Nasceu assim a:



OCA DIGITAL é também um Laboratório onde tecnologias e artes fazem comunicação a favor da comunidade do Tupinambá e da Mãe Terra.

A OCA DIGITAL contou com a parceria da Fundação Telefônica Vivo e com o Fundo de Cultura da Bahia.

[www.ocadigital.art.br](http://www.ocadigital.art.br)



PÁGINA INICIAL OCA ABERTA CONHEÇA O PROJETO GALERIAS VIDEOCA RADIOCA

### O meu espaço de aprendizado

jaguatirica tupinamba 31 de outubro de 2012 Diário 2 Comentários



*A Oca Digital é um lugar relacionado ao aprendizado e ao ensino da luta Tupinambá aos jovens que estão se iniciando no movimento. Nós aprendemos a lidar com o mundo e também passar para o mundo quem somos e como nós agimos, nós lutamos por*

*um mundo melhor com dignidade, porque o que nós mais queremos é ser livre, poder andar tranquilamente nas ruas sem sermos olhado dos pés a cabeça e sem sermos chamados de vagabundos, ladrões, descarados.*

*Na Oca também aprendemos a lidar com as máquinas, que são os celulares, computadores, câmeras e etc. Aprendemos a mexer em programas e várias outras coisas. O que eu aprendo eu passo para todos amigos e vizinhos da minha comunidade, eu acho muito legal porque além de nos mostrar ao mundo lá de fora, ainda nos dá a possibilidade de fazer algo de bom para o povo da nossa comunidade.*

*O mais importante é que além do orgulho de sermos indígenas, somos pessoas direitas.*

- OFICINOCAS
- Drica Veloso narrativas audiovisuais
- Binho postesias digitais
- Vilma Almendra Etno Jornalismo
- Angel Luís midiativismo
- Angela Ferreira retratos pintados
- Bráulio Bhavamitra celumetragens
- Glauber Xavier Vídeo Arts
- Sérgio Melo RADIOCA
- Bruno Tarin Mapas Afetivos
- Felipe Fonseca zonas autônomas sem fio
- Wallace Nogueira 5x Audiovisual

O Pontão ESPERANÇA DA TERRA tem:



uma OCA ABERTA que funciona como um PONTO DE DIFUSÃO

ações de ESCOLA VIVA



uma OCA DIGITAL que produz como um PONTO DIGITAL



um PONTO DE LEITURA

**H**á quinhentos anos atrás, os portugueses invadiram nossas terras, deram o nome de Brasil ao nosso território ancestral e apelidaram os nativos de índios, achando que tinham chegado à Índia. Ai começou toda a desgraça contra os povos nativos, contra os verdadeiros guardiões dessa terra. Os portugueses enganaram, mataram, escravizaram, estupraram nossas índias e dizimaram muitos povos.

Para os povos que não morreram, os portugueses forçaram muita coisa: não falar mais nossa língua materna, vestir roupas e não fazer mais nosso ritual sagrado, ou seja, queriam descaracterizar um povo que sempre teve sua própria cultura.

Hoje, exigimos nossos direitos, que sabemos que temos, desde muito tempo, bem antes da invasão. Também queremos lembrar que a Constituição Brasileira garante os nossos direitos de demarcação, homologação e desintrusão em todo nosso território tradicional e ancestral. Em pleno século 21, nós, Tupinambá de Olivença, ainda sofremos discriminação, preconceito e até ameaça de morte. Sempre tivemos nosso jeito de viver e, até hoje, não somos respeitados pelos invasores. Agora, os fazendeiros e o resto dos coronéis, falam que vivem nessa terra há 80 anos, mas eles esquecem que bem antes de Pedro Álvares Cabral invadir o Brasil, nós, nativos, da etnia Tupinambá, já habitávamos essas terras.

Governo, fazendeiros e coronéis não falam dessa dívida que têm com o povo Tupinambá de Olivença. Lembremos que em 1560, Mem De Sá ordenou que matassem todos os Tupinambá de Olivença. Historicamente, esse ato ficou conhecido como a Batalha dos Nadadores, no rio Cururupe - que significa rio dos sapos. Mas também ficou conhecido como rio de sangue, porque a água do rio ficou vermelha como sangue. Centenas de corpos de guerreiros Tupinambá foram colocados, enfileirados, no meio da praia. Quem não morreu, fugiu.

Todos que fazem o mal contra nós, Tupinambá de Olivença, precisam saber que das árvores que eles derrubaram, ficaram muitas sementes e essas sementes brotaram e vem brotando a cada dia que passa.

*Kaluana Tupinambá*  
<kaluana.tupinamba@gmail.com>  
Para seguir a história: [www.indiosonline.net](http://www.indiosonline.net)

No Pontão **ESPERANÇA DA TERRA** foram várias **RODAS DE CONVERSAS** sobre Memória... Muitas vezes, a **OCA DIGITAL** traduziu graficamente essas idéias.

Esta arte foi feita pelo próprio Kaluanã. Veja:

<http://ocadigital.art.br/?s=angela+ferreira>

A História do povo  
**TUPINAMBÁ**  
**DE OLIVENÇA**  
que não está nos livros

O Pontão ESPERANÇA DA TERRA vem apoiando redes como:

REDE DE MEMÓRIA INDÍGENA, já ganhadora do Prêmio Ponto de Memória.



O rio ajudou a sustentar muitas famílias. Quando enchia, os lagos garantiam a colheita do arroz, do milho, do feijão e muito peixe. Foram momentos de felicidade para o São Francisco e o seu povo.

Foi quando vieram doutores formados nas grandes universidades brasileiras e estrangeiras para construir usinas hidrelétricas em seu leito. Com isso, o rio foi perdendo suas forças e aquelas cheias foram se acabando. Todos os ribeirinhos que dependiam do peixe e do arroz para sobreviver tiveram que buscar outros meios para garantir “o pão” e criar a família. O rio já não é mais o mesmo, principalmente, após a inauguração da Usina Hidroelétrica de Xingó, nos anos 90, que decretou:

A MORTE DO RIO SÃO FRANCISCO

Apolônio Xokó

SOBRE A COLONIZAÇÃO



José Quirino - nascido em 10/05/1908

KARAPOTÓ

Nosso

Território tinha abundância de Pau Brasil e os europeus utilizavam os indígenas para o corte e transporte de toras dessa valiosa madeira até os navios.

Mas a maior devastação de nossas florestas foi com a cana-de-açúcar, através da implantação da Capitania de Pernambuco, no início do Século XVI. A partir de 1557, os bandeirantes tinham o Rio São Francisco como caminho para chegar ao interior do Brasil.

Eles caçaram os índios, destruíram aldeias inteiras, mataram muitos parentes e ainda escravizaram nosso povo para servir de mão de obra na plantação de cana nos engenhos.

A estratégia era ocupar a nossa terra e nela construir engenhos para produzir açúcar e enriquecer à custa do sangue indígena.

Desde então, nossos antepassados nunca mais tiveram sossego. A destruição de nossas matas desestruturou as comunidades, que não podiam mais praticar suas tradições. Aos poucos, engenhos foram aparecendo em todo lugar e, conseqüentemente, muitos brancos foram chegando. Eles trouxeram doenças que não existiam entre nós e suas pestes e gripes dizimaram aldeias inteiras.

Assim, a população indígena foi diminuindo. Fomos dominados pela força das armas e das doenças.

# Não somos página virada Somos memória viva!

Joel Braz

<xarringora@indiosonline.net>

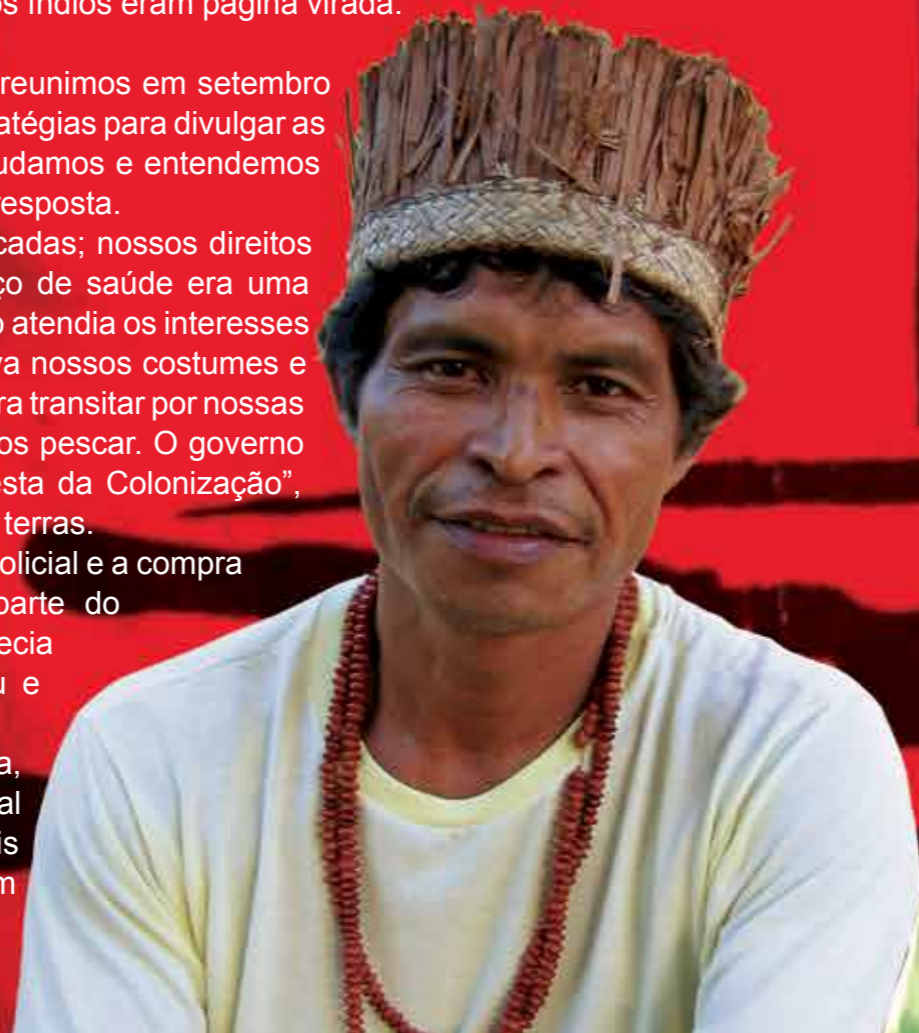
Antes da colonização, tínhamos uma cultura própria, com nossa lei e religião. Tínhamos a nossa tradição. Quando os “civilizados” estrangeiros chegaram aqui, nas nossas terras, nós não impusemos nenhum preconceito nem exigências. Hoje, para tudo nos exigem burocracia. Para vivermos nas nossas terras é necessário o aval de um técnico em antropologia e isso é um processo demorado. Até para o índio vender seu artesanato na cidade precisa ter autorização de algum poder público. O governo do Brasil mentia dizendo que os índios eram página virada. Somos memória viva!

Nós, lideranças indígenas do Brasil, nos reunimos em setembro de 1998 em Porto Seguro para avaliar estratégias para divulgar as verdades ao público. Nessa ocasião, estudamos e entendemos que somente através da luta daríamos a resposta.

Até então, as terras não estavam demarcadas; nossos direitos eram negados; a precariedade do serviço de saúde era uma armadilha para nos matar; a educação não atendia os interesses das populações indígenas, nem respeitava nossos costumes e tradições. Não tínhamos liberdade nem para transitar por nossas matas, não podíamos caçar, não podíamos pescar. O governo planejava a “Festa dos 500 anos”, a “Festa da Colonização”, comemorando, assim, o roubo de nossas terras.

Em abril de 2000 houve muita repressão policial e a compra de algumas lideranças indígenas por parte do governo baiano e também do federal. Parecia uma derrota, mas a gente se organizou e deu a resposta.

Reconstruímos a Resistência Indígena, retomando os Parques de Monte Pascoal e do “Descobrimento” e ainda fizemos mais de quinze retomadas ao redor e surgiram outras tantas retomadas Brasil a fora!



# Nós não queremos dinheiro, nós queremos nossa terra

Marlene Pataxó

Nós sempre lutamos pela demarcação da terra. Meu marido foi processado seis vezes por causa da terra. Foram tantas acusações, tantas mentiras contra Joel Braz, só por lutar pelos direitos do nosso povo.

Ele não podia sair da comunidade, não podia viajar nem andar tranquilo. Para ajudá-lo, eu fui várias vezes ao Ministério Público entregar documentos, mas não adiantava porque a lei está sempre contra os índios.

Os fazendeiros têm matado muita liderança. Eles querem as cabeças dos nossos Caciques. Eles têm muita raiva do índio, pensam que somos bichos e só querem nos matar. Um deles ofereceu cem mil reais para tirar a cabeça de meu marido.

Nós não queremos dinheiro, nós queremos nossa terra.

Nossa comunidade acredita na luta sem violência, mas os fazendeiros não pensam o mesmo, só querem matar índio. Eles acham que matando índio vão acabar com a gente.

Pois estão enganados!

Lula garantiu que durante o tempo de seu governo ele ia demarcar todas as terras indígenas. Nós esperamos, mas isso não aconteceu.

Nós, mulheres, também participamos da luta, junto com nossas crianças.

Nossa liberdade é ter de volta nossa terra.



Em 2014, o Território Tupinambá de Olivença continua sem demarcação, muitos assassinatos e violência tingem a área.

A mídia e a polícia são os atuais BANDEIRANTES...

Para resistir os indígenas também precisam de divulgar seus olhares mundo afora.

Neste contexto o Pontão ESPERANÇA DA TERRA é Ponto de Mídia Livre e Ponto de Cultura da Paz; e assim passa a sediar



**MENSAGENS DA TERRA**

que em parceria com o MinC visa implantar 08 Pontos de Cultura Indígena e uma Rede de Formação e Ação.



**MENSAGENS DA TERRA**

está atualmente desenvolvendo dois sinergismos:

1

“LIVROS DIGITAIS INDÍGENAS” é uma formação para potencializar os talentos indígenas, em especial a criatividade, a expressão artística e o empreendedorismo. O programa prevê lançar narrativas indígenas interativas (E-books), como forma de valorizar a diversidade cultural. Esta aventura conta com o apoio da UNESCO.



2

Eu sou pelas **Mulheres Indígenas**



“PELAS MULHERES INDÍGENAS” é uma REDE MULTIÉTNICA E PLURICULTURAL que busca melhorar a realidade das mulheres indígenas, começando pelo Nordeste e pela formação de Agentes Multiplicadoras de Transformação Social.

[www.mulheresindigenas.org](http://www.mulheresindigenas.org)

# Cultura Viva: Mais que 10 Pontos em Reconhecimentos!

Para nós da Thydêwá, o Programa Cultura Viva é o melhor Programa que nossa instituição conhece. Primeiro porque nasceu de reconhecer o que existe, pulsa reconhecendo e apoiando os trabalhos, vive de potencializar a vida. É um programa especial porque se constrói na interação real.

Vejam nosso histórico com o Programa Cultura Viva:

Em 2004, com o primeiro edital do Programa Cultura Viva, nosso programa Rede ÍNDIOS ONLINE é reconhecido como Ponto e passa a ser apoiado. Com o orçamento de um convênio, a Thydêwá colabora com sete comunidades para sustentar os sete Pontos e a Rede.

Em 2007, ÍNDIOS ON-LINE recebe o selo de Iniciativa Reconhecida Prêmio Cultura Viva.

Em 2008, a Thydêwá recebe o Prêmio Ludicidade em reconhecimento aos trabalhos feitos com a juventude.

Em 2009, ganha o Prêmio Mídia Livre pelas ações realizadas na Rede ÍNDIOS ON-LINE e também conquista o Prêmio Estórias de Pontos de Cultura. Neste mesmo ano, inicia o convênio como Pontão ESPERANÇA DA TERRA e ainda recebe o Prêmio Pontos de Valor, através do qual, nossas práticas com foco na “formação e promoção de valores de vida” são reconhecidas.

Em 2010, recebe novamente o Prêmio Mídia Livre, que reconhece a função da coleção de livros “Índios na Visão dos Índios”. No mesmo ano, ganha o Prêmio Cultura Digital e o Prêmio Areté.

Em 2012, vem o reconhecimento como Ponto de Memória. A Thydêwá recebe o Prêmio Pontos de Leitura, através do Governo do Estado da Bahia e o Prêmio Economia Criativa que reconhece as pedagogias que recriamos em nossos projetos.

Em 2014, inicia a Rede de Pontos de Cultura Indígena do Nordeste: “Mensagens da Terra”.

A partir do dia 22 de julho de 2014, com a lei 13.018, o Programa é reconhecido e vira política de estado.

## **O Cultura Viva é agora POLITICA NACIONAL DE CULTURA VIVA**

Somos gratos a todos os Pontos, Pontinhos, Pontões e a todas as pessoas que se entregam a manter a Cultura Viva.